



Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: 2011 JP - XVI Jornada de Pesquisa

A ESCUTA DA INFÂNCIA EM SEU OFÍCIO DE ALUNO¹

Dagma Heinkel²; Noeli Valentina Weschenfelder³.

¹ Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu - Mestrado em Educação nas Ciências da Unijuí

² Especialista em Educação. Mestre pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Depe – Departamento de Pedagogia, Curso de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação nas Ciências, 2011. E-mail: dagma@setrem.com.br.

³ Orientadora Doutora

Resumo

“A escuta da infância em seu ofício de aluno”, busca destacar a infância enquanto ator social, através da visibilidade das vozes da criança do 1º ano à 4ª série do Ensino Fundamental e que vive a sua infância no cotidiano de uma escola da rede privada de ensino. Trata-se de uma pesquisa em torno das concepções de “ofício de aluno” e “ofício de criança”, com base na Sociologia da Infância. A escuta das vozes da infância contemporânea institucionaliza é um desafio para as práticas pedagógicas nos anos iniciais do ensino. A metodologia construtora da pesquisa é o estudo de caso. Através de observações diretas nos momentos do recreio, com registros no diário de campo, nas entrevistas estruturadas, nas fotos, no recolhimento de vozes gravadas, nos desenhos e poesias espontâneas das crianças, assinalo possíveis compreensões dos ditos e não ditos da infância se vendo e se percebendo no contexto escolar. A importância de considerar as necessidades e especificidades da infância e seus modos singulares de apreensão e ressignificação do mundo que a cerca, dizem da beleza dos seus muitos modos de socialização.

Palavras-Chave: Criança; Vivência escolar; Narrativa infantil; Ator social.

Introdução

É na pesquisa da infância em sua tarefa de aluno que pretendo visibilizar as percepções da criança na escola dizendo de si mesmas e das suas compreensões do mundo que a rodeia.

São muitos os desafios de entendimentos às diferenças e singularidades infantis contemporâneas na instituição escolar. A escola é o espaço socialmente legitimado ao saber científico, e este, por sua vez, carrega ambiguidades e tensões permanentes. O movimento de reconhecer o infante como ator social, com lógicas singulares de ser e pensar desafiam as compreensões do mundo adultocêntrico, e demonstram a necessária compreensão de uma nova postura, para igual social, que rompe com a verticalidade nas relações para com estes pequenos sujeitos os quais estão dia a dia no espaço escolar. A Sociologia da Infância oferece outros paradigmas para pensar a infância hoje, considerando a dimensão do “ofício de aluno” e “ofício de criança”³.





Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: 2011 JP - XVI Jornada de Pesquisa

3Sirota (2001, p. 15) “ofício de criança” refere-se a “tomar a sério a criança, reservando-lhe o lugar de um objeto sociológico. Já o termo “ofício de aluno” é a ação que busca dar conta dos “pressupostos implícitos e explícitos do programa pedagógico”.

A escuta das vozes das crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental, grupo singular e que dizem de uma determinada realidade (mas nunca absoluta), de uma escola privada de ensino, localizada num município da região noroeste do estado do Rio Grande do Sul, busca entender os modos singulares de ver e sentir da criança/aluno, dando espaço e visibilidade às suas narrativas.

Para estas reflexões, ressalto também a importância dos estudos de Marchi (2010, p. 5), na importância do “caráter ativo, reflexivo da conduta humana”, quando assinala a “invisibilidade epistemológica da criança” e que “dominou os estudos sociológicos até fins dos anos 60”. Logo, a criança “na” e “da” escola, percebida como objeto social capaz de dizer-se e perceber-se na condição de aluno, também denuncia e é denunciada pelas práticas pedagógicas em seu “ofício de criança”. No contexto deste debate é que formulo as minhas questões de pesquisa, num desafio constante em busca de outros entendimentos para a condição de criança no “ofício de aluno”.

Metodologia

O caminho metodológico construído para o trabalho de pesquisa valeu-se de procedimentos diferenciados para a coleta e geração de dados: desenhos espontâneos, escritas de poesias, observação direta na hora do recreio com registro no diário de campo, fotos, entrevistas escritas e gravadas. Ressalto que foram as várias linguagens que sustentaram a acolhida e a recolha das narrativas infantis.

Nesse entendimento, o caminho metodológico da pesquisada foi organizado e pensado para a escuta das vozes da criança na escola, o estudo de caso⁴, com uma abordagem qualitativa e que segundo Lüdke e André (1986, p. 12) proporciona o aparecimento do “significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são foco de atenção especial pelo pesquisador. [...] uma tentativa de capturar a ‘perspectiva dos participantes’, isto é, a maneira como os informantes encaram as questões”.

Ao dispor-me ouvir as falas, as vozes da criança, autoras como Silva, Barbosa e Kramer (2008), apontam a importância dos “ditos e os não ditos” da infância em seus fazeres escolares, buscando conciliar (2008, p. 86) a “escuta sensível para captar e compreender crianças, adultos e suas interações” (2008, p. 86). Uma escuta que aponta a disponibilidade de estar aberto ao outro, na sensibilidade de percepções para desvelar a pluralidade e a multiplicidade que constituem a dimensão da infância que habita os espaços escolares.

Enfim, compreender a criança como protagonista social, é fruto dos estudos da Sociologia da Infância, que rompe, segundo Marchi (2010, p. 4 e 2), “com as abordagens tradicionais da socialização” e que “propõe um novo paradigma para os estudos sociais da infância e da criança”.



Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico

Evento: 2011 JP - XVI Jornada de Pesquisa

Já para Quinteiro (2000, p. 12), são os estudos e a escuta das vozes da infância que contribuem no modo como as Ciências da Educação “vem incorporando a criança e a infância em suas investigações”. São modos de “apreensão” da infância em seu ofício de criança e de aluno e que Kohan (2008, p. 42) assinala nas seguintes palavras: “A infância já não é objeto, mas sujeito, já não é pensada, mas pensante”.

Resultados e Discussão

A infância de hoje indica outros modos de apreensões do espaço escolar e dos vínculos ali estabelecidos. A criança contemporânea alerta para outros olhares de (re) significação do espaço/lugar comum de socialização do aprender, para além dos modelos tradicionais da

Estudo de caso na posição de Lüdke e André (1986) apresenta-se como estratégia de pesquisa específica ou mesmo complexa, mas, a sua delimitação faz-se necessária. O estudo de caso sinaliza um interesse próprio, particular e representa um diferencial na educação. Rico em dados descritivos é flexível, e centra-se no estudo da realidade contextualizada e complexa dos sujeitos envolvidos.

Pedagogia moderna. São olhares de compreensões que assinalam pontos de vista a partir dela mesma. Quais seriam eles? Ao ouvir e ler as falas, registros escritos e desenhos das crianças na escola, três questões são apontadas como fundamentais e centrais para a criança e até, de certo modo, sentidas e vividas de forma intrínseca por ela na sua condição e ofício de aluno. São elas: a) escola como espaço do aprender; b) escola apreendida como espaço para o brincar; e, c) escola como espaço para fazer e ter amigos.

Os registros evidenciam as concepções dos olhares contemporâneos da infância que vive dia a dia o seu ofício de aluno no Ensino Fundamental, como um lugar de viver e experimentar outras linguagens que a constituem. Espaço escolar de encontros, de brincadeiras, de risos, de alegria, de trocas, de aprenderes, de amizades,... , enfim, espaço escolar que é (re) construído nas relações de socialização e de experimentação entre e com os diferentes sujeitos escolares para além do processo cognitivo do saber e aprender. Para Tardif e Lessard (2008, p. 168 e 166) “ir à escola, trabalhar na escola, [...] é entrar num tempo fortemente socializado”, pois, trata-se de situações/interações sociais “para a renovação do mundo vivido diariamente”.

São processos de socialização entre pares que acontecem paralelamente com o ofício de aluno, ou seja, para a criança, brincar, aprender e ter amigos é parte de uma mesma experiência/vivência no “ofício de aluno”. A voz da infância em sua tarefa de aprender sinaliza para além do cognitivo, produtora de resultados, sem as emoções que envolvem o ato do aprender, para uma sensibilidade de compreensão da sua totalidade humana construída por inúmeras outras linguagens: plástica, dramática, da música, da poesia, do brincar, do afeto, da socialização,...

Percebe-se os movimentos de socialização como necessários, algo inerente ao ser e estar criança/aluno. É uma infância “narrada” por ela mesma em sua possibilidade e



Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico

Evento: 2011 JP - XVI Jornada de Pesquisa

necessidade de viver a plenitude das diversas linguagens que a constituem em sua dimensão humana.

Logo, a escuta das vozes da infância contemporânea na escola proporciona reflexões que rompem com lógicas de pensamentos modernos e que estão ainda hoje enraizados nas práticas e fazeres pedagógicos, ensino e aprendizagem, bem como, nas concepções que envolvem a criança que habita o espaço escolar.

Assim, a multiplicidade de significados construídos pela criança em relação ao mundo adulto e social, é uma busca, segundo Corsaro (2009, p. 34), para “atender a seus próprios interesses” enquanto sujeito dotado de capacidade criativa e (re) produtor de culturas.

Movimentos estes, que dizem das relações de socialização como uma maneira de aprender a si, ao outro e ao mundo ao seu redor. É um caminho de ação-criação que para Kohan (2008, p. 56) “coloca a infância como ausência, fora, objeto de interpretação”, para além da visão adultocêntrica.

É a dimensão do brincar que possibilita a ação do “ofício de criança” pela infância institucionalizada. O ofício de criança aparece nas leituras e percepções efetivadas da geografia do espaço escolar e do seu ofício de aluno, na possibilidade de viver relações para além do instituído e imposto pela escola, quando denuncia e afirma em seus movimentos de socialização, as suas apreensões e representações próprias do mundo social que a cerca.

Tempo escolar (re) significado e (re) elaborado pela infância que está em sua tarefa de aluno, pois para Kohan (2008, p. 59), “a infância pensa um pensamento que não se pensa”. Beleza e profundidade de pensamentos que muitas vezes são incompreensíveis e inatingíveis às percepções do mundo adulto.

Vale ressaltar que as práticas pedagógicas escolares muitas e reiteradas vezes corporificam-se e materializam-se através de supostas verdades pedagógicas tradicionais que dizem de uma época de concepções modernas de sujeito, de um tempo passado e distante da condição contemporânea que hoje a infância vivencia.

Penso que se no “ofício de aluno” é reconhecida a criança e a infância que está ali, as práticas pedagógicas que constroem o currículo escolar para esta criança/aluno, com certeza terão outros pressupostos e concepções de entendimentos. Logo, “o ofício de criança” será reconhecido no “ofício de aluno”, que por sua vez é apreendido pelo currículo como igual socialmente, numa relação entre sujeitos apontada por Sirota (2007, p.44) como “horizontal” e não vertical.

Na busca de considerar a infância, a escola da pesquisa proporciona momentos em que a criança, em seu “ofício de aluno”, participe, brinque, crie situações e estabeleça relações de aprender vivendo a possibilidade do “ofício de criança” através de uma possibilidade de ação pedagógica que são os Projetos de Estudo.

Considerando a proposta de trabalho, o papel do professor é uma questão relevante para a referida escola. Função apontada por Tardif e Lessard (2008, p.197) como sendo “a maneira como eles assumem esse mandato”. É no embate e nas contradições diárias em sala de aula, muitas vezes de conflito consigo mesmo e com o outro, no reconhecimento da criança que está no aluno, requer a busca de “outras” possibilidades de pensamentos.



Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico

Evento: 2011 JP - XVI Jornada de Pesquisa

Percebe-se que o professor docente das séries iniciais do Ensino Fundamental – 1º ano à 4ª série – são sujeitos professores envolvidos na (re) construção de novos saberes, mas que também apontam “dores” e “resistências” de outro modo de fazer/pensar educação.

Conclusões

Temos muito ainda a aprender com a escuta da infância em seu ofício de aluno. Deparamo-nos com um longo caminho a ser percorrido. Concordando com Sirota (2007, p. 43), a infância é “uma vida cotidiana que não pode ser reduzida à dos marcos instituídos” da escola, do currículo, do professor,..., mas um mas um momento da vida que convoca a mobilizações e transposições de uma ação de relações que reconhece o “ofício de criança” nas vozes e narrativas infantis como “valendo a pena serem ouvidas” e refletidas no espaço institucional.

As falas, as observações e os registros gráficos articuladores da pesquisa, demonstram que as crianças do Ensino Fundamental desta instituição de ensino, gostam muito de estar e estudar nesta escola. A criança em seu ofício de aluno reconhece claramente o seu papel de aprender/conhecer, mas traz, paralelamente em suas narrativas, à importância da socialização e do brincar entre pares no espaço institucional, num constante movimento de (re) construção e significação do cotidiano. Ressalto aqui a importância dos Projetos de Estudos que buscam construir uma relação pedagógica de ensinar e aprender na possibilidade da criança/aluno viver a sua infância. São fazeres cotidianos escolares que buscam fazer com que a criança se reconheça como tal.

Faz-se necessária a prática da reflexão enquanto profissionais encarregados dos fazeres (lembrando que nós também somos subjetivados por verdades de como fazer educação com nossas crianças) que envolvem as aprendizagens das crianças na escola, pois, quando relacionamos infância e escola, “ofício de criança” e “ofício de aluno”, estamos diante de uma possibilidade e necessária relação de diálogo e os desafios que nos envolvem são muitos. Ora, é a criança que também ensina na condição de ser/estar infantil.

Nenhum ponto final, nenhuma conclusão, apenas um começo, o início da aprendizagem em situação pedagógica da escuta das vozes infantis...

Referências

ALGEBAILLE, Maria Angélica Pampolha. Entrelaçamento de vozes infantis: uma pesquisa feita na escola pública. In: KRAMER, Sônia e LEITE, Maria Isabel (orgs.) Infância: fios e desafios da pesquisa. 7. ed. Campinas/SP: Papyrus, 1996.

CORSARO, William Arnold. Reprodução interpretativa e cultura de pares. In: MÜLLER, Fernanda & CARVALHO, Ana Maria Almeida (orgs.) Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009.

_____. Sociologia da Infância. 2. ed. Editora Artmed, 2011.

KOHAN, Walter Omar. Infância e filosofia. In: SARMENTO, Manuel & GOUVEA, Maria Cristina Soares (orgs.) Estudos da Infância: educação e práticas sociais. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.





Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico

Evento: 2011 JP - XVI Jornada de Pesquisa

LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana*. 4.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli DE. D. A. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MARCHI, Rita de Cássia. O “ofício de aluno” e o “ofício de criança”: articulações entre a sociologia da educação e a sociologia da infância. Ver. *Port. De Educação* v. 23, n. 1 , Braga 2010.

SIROTA, Régine. A indeterminação das fronteiras da idade. In: *Perspectiva: Revista do Centro de Ciências da Educação*. Vol.25, n.1, Florianópolis/SC: UFSC, p. 41-55, Jan./jun. 2007.

_____. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. In: *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, nº 112, p.7-31, mar./2001.

SILVA, Juliana Pereira da; BARBOSA, Silvia Neli Falcão e KRAMER, Sônia. Questões teórico-metodológicas da pesquisa com crianças. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira (org.) *A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas*. São Paulo: Cortez, 2008, p. 79 – 101.

SOCIEDADE EDUCACIONAL TRÊS DE MAIO (SETREM). *Projeto Pedagógico 2005*. Três de Maio: SETREM, 2005.

